

ente

Oriente

Ocidente

Ori

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DOUTORAMENTO SOLENE

Efectuou-se, no dia 30 de Maio, o Doutoramento *honoris causa* do Doutor Seamus Heaney, após aprovação unânime do plenário do Conselho Científico da Faculdade de Letras de uma proposta de concessão do referido grau da iniciativa do Grupo de Estudos Anglo-Americanos. É o seguinte o seu teor:

PROPOSTA DE DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*

Seamus Heaney, o último irlandês a ganhar o Prémio Nobel da Literatura, nasceu em 1939, num meio rural do Condado de Derry, na Irlanda do Norte. Frequentou o St. Columb's College, em Derry, e a Queen's University, em Belfast. Depois da licenciatura, Heaney obteve o diploma de professor, tendo exercido funções docentes durante algum tempo numa escola secundária de Belfast. Em 1963, ocupou o lugar de assistente de Estudos Ingleses no St. Joseph's College, em Belfast. Em 1966, foi nomeado assistente de Literatura Inglesa Moderna da Queen's University.

Por esta altura, Heaney relacionou-se com um grupo de escritores (entre eles o poeta Michael Longley e o romancista Bernard McLaverty) que se reuniam à volta da figura marcante de Philip Hobsbaum, então professor em Belfast. Foi neste contexto que se iniciou a sua carreira como poeta. Em 1965, Heaney publicou *Eleven Poems*. No ano seguinte, surgia a sua primeira grande recolha de poemas, *Death of a Naturalist*, publicada pela prestigiada Faber and Faber. Este volume granjeou-lhe o *E.C. Gregory Award* e o *Cholmondeley Award* em 1967. No ano seguinte, foi a vez do *Somerset Maugham Award* e do *Geoffrey Faber Memorial Prize*. O livro seguinte, *Door into the Dark*, de 1969, foi muito bem recebido pela crítica, tendo sido designado nesse ano o *Poetry Book Society Choice*.

Quando, em 1972, renunciou ao seu lugar de professor em Queen's e decidiu ir viver para a República da Irlanda, Heaney era já o poeta irlandês mais importante da sua geração. A publicação, nesse mesmo ano, do seu terceiro livro de poesia, *Wintering Out*, só veio confirmar e reforçar essa posição. Os dois livros publicados a seguir na

década de 1970, *North* (1975) e *Field Work* (1979), contribuíram para reforçar decisivamente a sua reputação. Heaney era agora qualificado, designadamente pelo poeta americano Robert Lowell, como o maior poeta irlandês depois de W. B. Yeats. Foi também por esta altura que Heaney começou a conquistar a sua reputação internacional. O que se seguiu é bem conhecido de todos. A sua evolução segura como poeta está patente na publicação de *Station Island*, em 1984, *The Haw Lantern*, em 1987, e *Seeing Things*, em 1991, volumes prontamente reconhecidos como representativos no mais alto grau da sua estatura poética.

Em 1984, Heaney foi nomeado *Boylston Professor of Rhetoric and Oratory* da Universidade de Harvard. Em 1989, foi eleito Professor de Poesia da Universidade de Oxford por um período de cinco anos. Os inúmeros prémios, distinções e honrarias que entretanto recebeu (incluindo vários doutoramentos *honoris causa*), e que seria fastidioso enumerar exaustivamente, viriam a culminar no Prémio Nobel da Literatura em 1995. Justamente aclamado como um grande poeta, Heaney merece igual reconhecimento pelo seu trabalho como tradutor e crítico literário. O Grego, o Latim, o Irlandês e o Velho Inglês contam-se entre as línguas que o poeta foi traduzindo ao longo dos anos, destacando-se em especial as suas versões de Virgílio e Dante. Em 1999, Heaney deu à estampa uma primorosa tradução em verso da epopeia anglo-saxónica, *Beowulf*

Como crítico literário, Heaney publicou já quatro volumes de ensaios com grande repercussão no mundo das letras. Uma recolha da sua prosa, intitulada *Finders Keepers: Selected Prose 1971-2001* e publicada neste mesmo ano, acaba de lhe grangear o *Truman Capote Award for Literary Criticism in Memory of Newton Arvin* - o mais importante e avultado prémio pecuniário para a crítica literária em língua inglesa. Heaney continua a produzir intensamente em todos estes campos. O seu mais recente livro de poemas, *Electric Light*, foi publicado em 2001.

A poesia de Heaney está já traduzida em português: *Da Terra à Luz: Poemas 1966 - 1987* apareceu em 1997, em edição bilingue e tradução de Rui Carvalho Homem; *Antologia poética*, apareceu em 1998, de igual modo em edição bilingue, desta vez em tradução de Vasco Graça Moura.

Qualquer tentativa de análise e interpretação da obra de Heaney seria despropositada neste contexto, tanto mais que os seus méritos como poeta e homem de letras são amplamente reconhecidos. Tão-pouco parece necessário demonstrar exaustivamente que este vencedor do Nobel é digno da honra para que ora é proposto pelo Grupo de Estudos

Anglo-Americanos. É, sem dúvida, elevada honra receber o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Coimbra, e ser acolhido em tão ilustre companhia. Mas é honra que, no caso presente, foi sobejamente conquistada. O Grupo de Estudos Anglo-Americanos tem, no entanto, razões de sobra para fazer esta proposta, algumas das quais a seguir se enumeram, a fim de convidar o Conselho Científico da Faculdade de Letras a aceitá-la.

Em primeiro lugar, de novo se afirma sem hesitações que Heaney é o mais ilustre poeta irlandês vivo. Ele é, com efeito, a seguir a Yeats, ou talvez mesmo a par de Yeats, o maior poeta irlandês de língua inglesa. O Grupo de Estudos Anglo-Americanos tem procurado sempre cultivar a variedade e a pluralidade das culturas anglófonas, quer se trate da Inglaterra, da Irlanda, da África, da Ásia ou da América. As suas ligações com a Irlanda são, contudo, particularmente significativas. As teses de doutoramento de dois dos seus professores dizem respeito, na totalidade ou em parte, a autores irlandeses. Uma cadeira de Estudos Anglo-Irlandeses há muito que é regida no Grupo de Estudos Anglo-Americanos, todos os anos atraindo números significativos de alunos. Quando surgiu em 1980-1981, esta cadeira foi a primeira do género a ser criada na Península Ibérica, e ainda hoje é a única em Portugal. Ao longo dos anos, o Grupo de Estudos Anglo-Americanos recebeu muitas vezes a visita de vários poetas irlandeses de renome internacional, tais como Michael Longley, Bernard McLaverty, Hugh Maxton e Justin Quinn. Seamus Heaney tem sido, porém, alvo de particular atenção.

Em 1996, o Grupo de Estudos Anglo-Americanos organizou um pequeno colóquio para comemorar a concessão do Prémio Nobel. Impossibilitado de estar presente, como era desejo dos organizadores e seu próprio, Seamus Heaney doou alguns exemplares autografados das suas obras, para servirem de prémios num concurso das melhores traduções de um poema seu por alunos da Faculdade, levado a cabo nessa ocasião. Curiosamente, o concurso foi ganho por Maria José Canelo, actualmente a mais jovem doutora do GEAA e, na altura, aluna do seu Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos. Acresce ainda que muitos alunos do GEAA, através do Programa SOCRATES, frequentam todos os anos várias universidades irlandesas, entre elas, Queen's Belfast e Trinity College Dublin (de que Heaney é *fellow*), ao mesmo tempo que estudantes irlandeses vêm frequentar a Faculdade de Letras.

Em segundo lugar, Heaney não é só o mais proeminente poeta irlandês vivo. No mundo de língua inglesa, ele é considerado O POETA. Na verdade, a fama de Heaney hoje só é comparável à de Walt Whitman

no século XIX. Não quer isto dizer que Heaney seja um “poeta popular” ou uma “celebridade”, se bem que, pelo volume e variedade dos seus leitores, ambos os epítetos em parte também se lhe apliquem. Seamus Heaney é hoje, de facto, no mundo de língua inglesa (e de modo algum na Irlanda apenas), o rosto público da poesia. Parecerá estranho que assim se fale de um poeta cujo génio é essencialmente lírico e intimista, e cuja presença na sua própria poesia intriga muitos leitores. Não sendo um poeta político no sentido estrito do termo, Heaney é, no entanto, um poeta que acredita firmemente no papel central da poesia na *polis*. Se, na verdade, Heaney é um poeta que canta o pessoal e o íntimo, é o intimismo do cidadão empenhado que lhe preenche o canto. Para compreender Seamus Heaney, é fundamental saber que o poeta acredita apaixonadamente na importância da poesia.

Sublinhe-se que, além de um grande poeta, Heaney é um excelente professor de poesia. Com efeito, a maior parte do tempo que Heaney recentemente tem passado em universidades de prestígio como Poeta Residente tem sido dedicada, sobretudo, ao ensino da poesia na sala de aula. É já lendária a generosidade e empenhamento de Heaney como mentor de jovens poetas. O que tem sido menos reconhecido é o seu papel activo na formação de sucessivas gerações de leitores de poesia. Esta função não menos merece louvor, e é ela que o Grupo de Estudos Anglo-Americanos pretende enaltecer também com esta proposta de doutoramento *honoris causa*. Heaney acredita fervorosamente na relevância social da poesia, e para ela reivindica um lugar cimeiro. No discurso de aceitação do Prémio Nobel, publicado mais tarde com o título de “Crediting Poetry”, Heaney fala do “poder da poesia para realizar aquilo que mais crédito confere à própria poesia”, ou seja, o poder de convencer a parte mais vulnerável da nossa consciência da sua bondade, apesar de tudo o que em redor demonstra a sua maldade, o poder de nos lembrar que somos caçadores e ceifeiros de valores, que as nossas próprias solidões e amarguras sempre nos conferem crédito, e sempre conferirão, já que também elas são o garante da nossa verdadeira natureza humana.

Como demonstram a prática pedagógica e as publicações científicas dos seus membros, bem como a organização trienal dos Encontros Internacionais de Poetas, também o Grupo de Estudos Anglo-Americanos defende enfaticamente que a poesia é importante, também os seus membros se consideram “caçadores e ceifeiros de valores”—tarefa particularmente urgente, esta, num tempo em que, na famosa distinção de um outro grande escritor irlandês, o valor facilmente se confunde com o preço. De

resto, o que Heaney diz da poesia aplica-se também, ou devia aplicar-se, à Universidade. E é por isso que, ao honrar Seamus Heaney, de igual modo honramos o nosso próprio ser-universitário—ou o ser a que aspiramos quando a avaliação e a burocracia o permitem. Ao honrar Heaney, honramos também a nossa vocação, a qual “sempre nos confere crédito, e sempre conferirá”.

ORAÇÃO ACADÉMICA DE SEAMUS HEANEY

Magnífico Reitor,

The university has done me a great honour and this degree will forever be the source of utmost pride and gratitude. Yet I understand that by honouring me personally, the university also intends to honour the art of poetry, so I realize that I stand here as a representative of all who practice the art, all who teach it, and all who support it.

An honorary degree is always to be cherished, especially when it is conferred by a body as venerable and renowned as the University of Coimbra. Even so, there is something more than usually meaningful for me about the award of this doctorate, because of the fact that your university was founded by a king famous for his support of the troubadours at his court and the farmers in his kingdom.

King Dinis wielded a royal sceptre, but he also respected equally the poet's pen and the agricultural spade, so as a farmer's son who early on exchanged the spade for the pen, and as a poet whose first real poem was called “Digging”, I rejoice that my name has been entered in King Dinis' roll of honour. ¹

I should say that before today I had already been made welcome in the literary and academic circles of Portugal. I consider myself blessed because of the excellence of my Portuguese translators, and by having been a guest on previous occasions at Casa Pessoa in Lisbon and at the University of Porto. And I should say what a privilege it has been to join other members of the Fifth International Conference of Poets in Coimbra this weekend, and to have shared in the poetry reading

on Friday night in that magical location on the site of the ancient Roman city at Conimbriga.

In fact, when I was out there I remembered a story from the earliest history of your country which I would like to share with you. This is the story about a force of Roman legionaries who more than two thousand years ago were engaged in wars against the Lusitani in the north. It is said that when they came to the banks of the River Lima, the troops halted and refused to go any farther. But why? Because they had been led to believe that the Lima was a branch of the River Lethe, that it was the river of all forgetfulness, and that they would lose their minds and their memories if they entered its waters. So at that point their centurion takes the initiative and marches out, chest deep, into the stream, splashing and swimming his way across, and arrives on the far bank, utterly drenched. And once he is there he resumes his customary stance of command and with a clear voice and a clear mind, out a completely unimpaired memory, he calls to each of his men, name after Latin name, and one by one they each enter and cross the river after him.

636 This morning, among these hallowed walls, under the portraits of so many monarchs, in a hall where generations of scholars and soldiers, artists and intellectuals have assembled over the years, I think this story is worth repeating. In it, after all, we can discern the presence of two things which motivate the work of a great university like this. The first is the fear that we will forget what we know, and the second is the need to be prepared to venture beyond the borders of what we know already.

The soldiers halted on the bank tell us that it is right to fear the loss of cultural memory. Standing there, they also stand for the humanist belief in the value of the classics, ancient and modern, and the necessity of transmitting them to the students of the future. The centurion splashing into the water, on the other hand, stands for the equally necessary exercise of intellectual and artistic boldness, of emotional and moral courage, and the readiness to take a risk in order to stay intellectually and emotionally free.

Everybody who works in the arts of the academy, everybody here who faces the empty page or the full lecture hall, all surely feel the good of this story. We are all indebted to the first writer who recorded it, and to the authors and teachers who have preserved it ever since. It

contains the nurture, hard to define but easy to recognize, that the best imaginative literature provides, and I am happy to have been able to tell it on such an auspicious occasion, to such a distinguished audience.

DISCURSO DA DOUTORA JACINTA MATOS

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra,
Ex.º Sr. Embaixador da Irlanda,
Ex.ª Sr.ª Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras,
Digníssimos Doutores,
Ilustres Assistentes, Leitores e Investigadores,
Ex.ªs Autoridades
Prezados Estudantes e Funcionários
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

[O original inglês do texto que vou ler foi escrito pelo meu colega do Grupo de Estudos Anglo-Americanos, Stephen Wilson, especialista da obra de Seamus Heaney. As traduções dos poemas que lerei de Seamus Heaney, com excepção do primeiro, são da autoria de Rui Carvalho Homem.]

637

Haverá local mais indicado para homenagear tão ilustre poeta como a Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra? É uma sala de grande distinção, tanto nos seus aspectos visíveis, nas suas elegantes proporções e no requinte dos seus adereços, como num sentido menos material, pelo papel que tem vindo a desempenhar enquanto centro vital desta antiga universidade.

Estamos cientes de que o doutoramento *honoris causa* que a Universidade de Coimbra confere hoje a Seamus Justin Heaney é apenas o mais recente de uma longa série de prémios e honrarias com que, em toda a justiça, foi sendo agraciado ao longo da sua carreira: Seamus Heaney recebeu já vários doutoramentos *honoris causa*; é membro da Aosdana (a Academia Irlandesa de Artes e Letras); é membro estrangeiro da Academia Americana de Artes e Letras; em 1996 foi eleito Commandeur de l'Ordre des Arts et Lettres pelo Ministro da Cultura francês; e, como é sabido, foi galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 1995. Nós, doutores da Universidade de Coimbra, reconhecemos e comemoramos este percurso, e sentimo-nos honrados

Crónica

nesta solene ocasião; contudo, ao acolhermos entre nós o laureado com o Prémio Nobel, gostaríamos também de salientar que ele se encontra, esta manhã, onde antes dele já estiveram muitas outras figuras de académicos, escritores, personalidades públicas e tantos outros que se distinguiram nas respectivas áreas do saber - e para além dele .

A Sala dos Capelos é um espaço de “custom” e “ceremony” (apropriando as palavras de outro grande poeta irlandês, William Butler Yeats), mas o seu uso não se limita à prática da “tradição” ou do “cerimonial”. Como bem sabem os que, de entre o público aqui presente, pertencem a esta Casa, é aqui que se defendem as teses de doutoramento e é aqui também que se realizam as provas públicas que pautam o progresso na carreira académica.

Numa das suas conferências sobre poesia, “Ampliando o alfabeto”, que proferiu na Universidade de Oxford em Novembro de 1991, Seamus Heaney citava os seguintes versos do seu poema “A Sorley Maclean”:

**This is how poems help us live.
They match the meshes in the sieve
Life puts us through; they take and give
Our proper measure**

638

**E assim que os poemas nos ajudam a viver.
Ajustam-se às malhas da peneira
Para a qual a vida nos lança; tiram e dão
A nossa justa medida.**

Encontramo-nos hoje aqui para homenagear o autor destes versos num espaço onde também se dá e se tira a “nossa justa medida”.

Seamus Heaney nasceu em 1939 no meio rural de Derry, na Irlanda do Norte, tendo frequentado a Escola Primária local de Anahorish. Prosseguiu os seus estudos no St. Columb’s College, em Derry e depois na Queen’s University, em Belfast. Após terminar a licenciatura, Heaney foi professor durante um curto período de tempo numa escola secundária antes de aceitar um lugar de assistente de Estudos Ingleses no St. Joseph’s College, em Belfast, em 1963; em 1966 foi nomeado assistente de Literatura Inglesa Moderna na Universidade de Queen’s. Ao longo deste período, Heaney relacionou-se com um grupo de escritores (entre os quais se contavam o poeta Michael Longley e o romancista Bernard

Crónica

McLavery) que girava em torno da figura marcante do poeta inglês Philip Hobsbaum, então a leccionar em Belfast. Mais tarde, em 1974, Heaney recordaria que, enquanto estudante, conseguiu escrever (e cito) “uns poucos versos de ...uma poesia terrivelmente imitativa”: E ainda nas suas palavras: “Eu comecei a escrever quando comecei a ensinar. Estava abandonado a mim mesmo e comecei a deitar contas à vida com poemas”. O grupo de escritores de Belfast não o terá feito poeta, mas marcou sem dúvida um momento decisivo no seu amadurecimento como escritor.

Em 1972 renunciou ao seu lugar de docente em Queen’s e mudou-se para o sul, indo viver na República da Irlanda. Porém, tal não pôs fim à sua carreira académica, e nos anos 70 e início dos anos 80 leccionou em Carysfort College, em Dublin (onde veio a exercer funções de Director do Departamento de Estudos Ingleses), depois na Universidade de Harvard, e em 1989 foi eleito para o cargo de Professor de Poesia da Universidade de Oxford por um período de 5 anos.

Em 1966 saiu à estampa a primeira colecção de vulto de Seamus Heaney, *Death of a Naturalist*, com a chancela da prestigiada editora Faber and Faber, obra que recebeu numerosos prémios (incluindo o Geoffrey Faber Memorial Prize). A obra *Door into the Dark*, de 1969, teve igualmente grande sucesso junto do público e da crítica, tendo sido seleccionada como “The Poetry Book Society Choice” no ano da sua publicação. A partir deste auspicioso começo, a carreira de Seamus Heaney prosperou: a sua reputação floresceu e rapidamente veio a ser encarado como o poeta mais notável da sua geração. O seu terceiro livro de poesia, *Wintering Out*, publicado em 1972, confirmou e fortaleceu esta posição. Ser-se descrito como “o maior poeta irlandês a seguir a W. B. Yeats” é uma distinção - e também um ónus - que tem sido concedida a um número considerável de jovens poetas irlandeses, mas de que nenhum deles se veio a revelar merecedor. Mas *North*, a obra que Heaney publicou em 1975, assinalou sem sombra de dúvida a existência de um talento capaz de justificar e de manter a justeza de uma comparação desta magnitude. Esta obra, bem como *Field Work*, de 1979, elevaram a sua reputação ao mais alto nível, difundindo o seu nome para além das fronteiras da Irlanda e conferindo-lhe uma dimensão internacional.

Seamus Heaney foi aclamado internacionalmente por muitos como um grande poeta - entre eles, por um outro grande vulto da poesia, o americano Robert Lowell. O resto da sua carreira é sobejamente conhecido. *Station Island* (1984), *The Haw Lantern* (1987), *Seeing Things* (1991), *The Spirit Level* (1996) marcam o seu percurso como poeta, e com cada um destes volumes o seu prestígio e a sua reputação foram

crescendo. Foi publicada em 1998 uma selecção abrangente e bastante completa da sua poesia, *Opened Ground: Selected Poems, 1966-1996*, e o seu mais recente livro de poesia, *Electric Light*, em 2001. A atribuição do Prémio Nobel, em 1995, constitui eloquente testemunho do valor de Seamus Heaney como poeta, mas talvez mais notável do que a concessão do prémio em si tenha sido o nível de consenso que rodeou a sua atribuição; o Prémio Nobel é frequentemente controverso, mas tanto quanto nos é dado saber, nenhum prémio foi mais bem recebido e tão unánimemente aplaudido como o do nosso ilustre Doutorando desta manhã.

A obra de Seamus Heaney é extensa, variada e versátil, e simultaneamente profunda, abrangente e diversificada nas suas preocupações e interesses. Contudo, é também, ao mesmo tempo, coerente e una. Qualquer tentativa de análise e interpretação da obra de Heaney seria despropositada neste contexto, tanto mais que os seus méritos como poeta e homem de letras são sobejamente conhecidos. Tão-pouco parece necessário demonstrar exaustivamente que este laureado com o Prémio Nobel é digno da honra que lhe conferimos hoje. Todavia, uma vez que a afirmação acerca da coerência e da unidade da obra de Heaney nos aproxima do propósito essencial que nos traz aqui, atrevemo-nos a desenvolver um pouco esta questão.

A melhor forma de o fazer será talvez olhar brevemente para um dos primeiros e mais conhecidos poemas de Heaney, “Digging” (“Cavando”), que começa com o jovem poeta sentado à secretária, a observar o seu pai a cavar no jardim:

Between my finger and my thumb

The squat pen rests; as snug as a gun.

Under my window a clean rasping sound

When the spade sinks into gravelly ground:

My father, digging.

Entre polegar e indicador

Aconchega-se a caneta; firme como arma.

Sob a janela, o som seco e áspero

Da pá que se enterra em chão pedregoso;

O meu pai, cavando.

Crónica

Lembra de seguida o poeta como, em criança, seguia atrás do pai pelo batatal, apanhando as batatas acabadas de desenterrar:

Bends low, comes up twenty years away
Stooping in rhythm through potato drills
Where he was digging.

He rooted out tall tops, buried the bright edge deep
To scatter new potatoes that we picked
Loving their cool hardness in our hands.

Vergando-se, erguendo-se a vinte anos de distância
Curvado ao ritmo de regos de batatas
Onde cavava.

Ele arrancava ramos, a lâmina brilhante ia bem fundo
E espalhava batatas novas que apanhávamos
Gozando a dureza fria nas nossas mãos

E reflecte ainda o poema sobre a perícia e a destreza com que o seu pai, e o seu avô antes dele, manejavam a enxada (“By God, the old man could handle a spade./ Just like his old man”; “Meu Deus, o velho manejava bem a pá/Tal como o velho dele”). O poema termina com o reconhecimento de que, embora não consiga imitar os feitos do seu pai e do seu avô, o poeta pode, em certo sentido, segui-los e considerar-se seu herdeiro:

But I've no spade to follow men like them.
Between my finger and my thumb
The squat pen rests.
I'll dig with it.

Mas não tenho uma pá p'ra lhes seguir o exemplo.

Entre polegar e indicador
Aconchega-se a caneta.
Com ela hei-de cavar.

O poema “Digging” é significativo porque desde logo estabelece o cenário rural típico da obra de Heaney. No início da sua carreira, Heaney era considerado essencialmente um poeta da vida campestre,

profundamente enraizado no mundo das pequenas quintas e aldeolas do condado de Derry, onde nasceu. Mas tendo a sua vida sido marcada por uma errância que o levou de Derry a Belfast, depois à Califórnia, a Wicklow, a Dublin e a Boston (e esta lista não é exaustiva), o âmbito dos seus interesses e afinidades foi-se progressivamente alargando, estendendo-se entre outros aspectos ao mundo da escandinávia antiga, à poesia da Europa Central e de Leste e às culturas mediterrânicas da Grécia e de Roma. Todavia, não deixa de ser verdade que o mundo rural do Condado de Derry continua a ser o 'país espiritual' de grande parte da sua poesia. O maior especialista português da obra de Heaney descreve as mudanças de tom na sua poesia como um movimento da 'terra' à 'luz'. É uma observação perspicaz, mas também não podemos deixar de reconhecer que, à semelhança de Anteu, Seamus Heaney, como ele próprio afirmou, regressa sempre à sua terra natal e é dela que extrai a sua força.

O tropo principal de "Digging", a possibilidade de seguirmos as pisadas de outros e de ao mesmo tempo trilharmos o nosso próprio caminho, é bem característico de Heaney, recorrendo sob diversas formas em "Casualty", por exemplo, bem como em outros poemas da sua obra *Station Island*. Seamus Deane, escritor também oriundo de Derry e seu amigo de longa data, fez notar que o termo 'tradição' envolve sempre um duplo movimento, ao mesmo tempo de continuidade e de afastamento ou desvio. E, com efeito, quer o poema "Digging" quer grande parte da obra posterior de Heaney podem ser lidas como uma exploração das possibilidades e dos problemas da tradição neste sentido que Seamus Deane refere.

Quando lemos, nos primeiros versos deste poema - que são igualmente, saliente-se, os primeiros versos do primeiro livro de poemas de Heaney e de todas as colectâneas posteriores das suas obras - quando lemos nestes versos que a caneta se aconchega "firme como arma" na mão do poeta, não podemos deixar de nos recordar também que Heaney é um poeta da Irlanda do Norte. Uma leitura legítima, apesar de estes versos terem sido escritos e publicados alguns anos antes da erupção da violência que haveria de perturbar os seis condados da Irlanda do Norte durante um quarto de século, uma violência que teve o seu início em Derry em 1969, precisamente no bairro de Bogside a que Heaney se refere como 'dominado, lá do alto', pelo St. Columb's College, onde estudou. Há cerca de um ano, o líder do Partido Unionista do Ulster e Presidente da Assembleia da Irlanda do Norte descreveu eufemisticamente o país em que Seamus Heaney nasceu como uma "casa pouco

acolhedora para católicos”. Não nos surpreenderá, portanto, que num poema do livro *North*, dedicado a Seamus Deane, em que se recorda a infância e a juventude de ambos na década de 50 em Derry e Belfast, Heaney escreva:

...all around us, though
We hadn't named it, the ministry of fear

...à nossa volta, embora
Não lhe tivéssemos dado nome, o ministério do medo

O medo, parte integrante do dia-a-dia de muitos católicos, perpassa toda a poesia da primeira fase da carreira de Heaney, mesmo quando essa poesia é suposta e aparentemente sobre a natureza. Mas é a partir de *Wintering Out* (de 1972), que Heaney trata de forma mais directa a sucessão de acontecimentos conhecidos como ‘The Troubles’. Vindo de uma terra onde a palavra é uma arma e uma frase pode fazer a história, é inevitável que alguns dos seus versos tivessem passado a fazer parte da linguagem política do quotidiano irlandês: “Whatever you say, say nothing” (“Digas o que disseres, não digas nada”), ou “hope and history rhyme” (“esperança e história rimam”) - do qual bem se poderia dizer que rapidamente se tornou numa arma de “instrução” maciça.

E, no entanto, não se pode afirmar que Heaney seja, no sentido restrito do termo, um ‘poeta político’; antes, é um poeta cujo génio é essencialmente lírico e intimista, que entende que a sua poesia surge, como ele diz, duma “discussão consigo mesmo” e não com os outros, e cuja presença na sua própria poesia é esquiva e fugidia. E ainda assim Heaney é, indubitavelmente, um poeta do público e do político, representando também (e não só dentro da Irlanda) a face pública da poesia. Heaney é, com efeito, um poeta que acredita firmemente no papel central da poesia na *polis* e se é verdade que Heaney é um poeta que canta o pessoal e o íntimo, é o intimismo do cidadão empenhado - de quem fala e para quem fala - que lhe preenche o canto.

Esta sua relação com a esfera pública compreender-se-á melhor se nos lembrarmos de um facto óbvio sobre Seamus Heaney - ele é uma pessoa famosa. Isto não significa que Heaney seja um ‘poeta popular’ ou mesmo uma celebridade (embora, sendo bem conhecido do público em geral e de um vasto público leitor em particular, também seja em parte as duas coisas). Em 1992, Gore Vidal, recusando a perinência da designação de ‘romancista famoso’ que lhe atribuíam, fez a seguinte reflexão sobre a

fama literária, ou melhor, sobre a impossibilidade da mesma no mundo nosso contemporâneo:

Hoje em dia já não há romancistas famosos, assim como já não há poetas famosos. Para o artista, a fama existe apenas na medida que a Agora acha interessante o seu último trabalho. Se o que escreveu só é conhecido de alguns colegas de profissão ou de alguns entusiastas, então o artista não só não é famoso, como é irrelevante para o seu tempo, o único tempo que lhe pertence.... Isto em si mesmo não é uma coisa boa nem má. São coisas da fama.

Segundo Gore Vidal argumenta, não existem, hoje em dia, romancistas famosos, e axiomáticamente não existem também poetas famosos. Mas Seamus Heaney é, precisamente, um poeta famoso (e nos próprios termos da definição de Vidal). Não é meramente uma pessoa famosa que por acaso escreve poemas, mas um **poeta famoso**, com igual ênfase nos dois termos da expressão. Contudo, deve reconhecer-se que, como consequência da fama que foi adquirindo, Seamus Heaney é, acima de tudo e não só no mundo de língua inglesa, o que em certo sentido não se pode dizer de outro poeta desde Walt Whitman, isto é, ele é O

644

POETA.

Seamus Heaney tem aceiteado as responsabilidades e as obrigações inerentes a esta condição sem demasiada relutância mas também sem as procurar activa e deliberadamente. E tem-nas vivido com o seu proverbial empenhamento na centralidade e na relevância da poesia em todos os aspectos da nossa vida, do pessoal ao político, do quotidiano ao histórico. Honrar um poeta é também honrar a poesia - e que melhor razão existe para honrarmos os poetas? Um truismo que é particularmente apropriado e adequado à figura de Seamus Heaney e à presente ocasião que nos reúne aqui.

Porque não é só o poeta consagrado que aqui honramos, mas também, e sobretudo, o poeta como educador.

O poema 'Digging', que temos vindo a tomar como central na obra de Heaney, reflecte também sobre o fenómeno da transição e da mudança e sobre a educação como agente principal de transformação. O poema traça o percurso, nas palavras do próprio Heaney, entre "a terra do trabalho agrícola e o céu da educação" e é, neste sentido, paradigmático de outros poemas posteriores (como 'Alphabets', incluído em *The Haw Lantern*). Com efeito, a educação (e referimo-nos aqui à educação formal, ministrada na escola e na universidade) é para o autor de importância

fulcral. Falando da sua aprendizagem como poeta, Heaney recorda os versos populares da tradição rural que ele e os colegas recitavam a caminho da escola, as cançonetas com slogans, segundo ele, “sectários e insultuosos” que “atirávamos uns aos outros” e a música de ‘The Eve of Waterloo’, de Byron, que ecoava em ‘ondas voluptuosas’ sob o telhado de zinco da escola pré-fabricada em Anahorish. Nessa altura, diz-nos o autor, “a linguagem literária, a palavra civilizada do cânon clássico da poesia inglesa era uma espécie de alimento que nos faziam engolir à força” e que “não nos deliciava” nem “reproduzia a nossa fala nas suas çadências formais e surpreendentes arranjos”. Mas mais tarde, quando frequentou St. Columb’s e Queens, o futuro laureado reconhece que “se foi sentindo cada vez mais à vontade no mundo da poesia” e começou “a experimentar um prazer epifânico” na obra dos poetas canónicos que aí eram de leitura obrigatória: Chaucer, Shakespeare, Wordsworth, Arnold, Hopkins, Robert Frost e mais tarde “ a poesia aliterativa do Anglo-saxão e do inglês antigo”. O poema “Digging”, com o seu padrão aliterativo complexo e insistente (“buried the bright edge”, “potatoes...picked”, “nicking ... neatley”, “digging down and down...”) ilustra claramente essa afinidade.

Mas não nos ocupam aqui as influências na poesia de Heaney; antes queríamos vincar bem o papel fundamental que a educação, e em particular a educação universitária que lhe deu a conhecer a poesia inglesa, tem desempenhado na sua vida e na sua obra. Dizer que Seamus Heaney é um poeta universitário não é, de modo algum (como alguns poderiam pensar) pejorativo, nem mera alusão ao facto de ser um ilustre professor e crítico literário, nem mesmo equivalente a dizer por outras palavras que Heaney é um poeta erudito.

A sua longa e distinta carreira universitária confirma, no entanto, indiscutivelmente, a sua estatura académica - foi Boylston Professor of Rhetoric and Oratory na Universidade de Harvard e, como já foi referido, em 1989 foi eleito por 5 anos Professor de Poesia da Universidade de Oxford. Os quatro volumes de ensaios críticos que publicou estabelecem indubitavelmente as suas credenciais como eminente ensaísta e crítico literário; e as suas aclamadas traduções do Grego, do Latim, do Italiano, do Irlandês e do Anglo-saxão (para além de outras línguas) atestam bem a sua invulgar erudição.

Mas nem a erudição nem a carreira académica o distinguem de outros poetas ilustres; o mesmo se poderia referir, por ex., a propósito de Ezra Pound ou de T.S. Eliot, sem que acerca de nenhum deles se pudesse utilizar o epíteto. Algo mais será assim necessário para o justificar como ‘poeta universitário’.

Se explorarmos a comparação com Pound e Eliot, duas questões se tornarão claras e nos ajudarão no nosso propósito. Em primeiro lugar, tanto Pound como Eliot, embora possuísem graus universitários de licenciatura e de pós-graduação e tivessem sofrido a influência marcante da academia, sempre desprezaram (ou pretenderam desprezar) as instituições e os sistemas de ensino por que passaram. Em segundo lugar, Eliot estudou Filosofia e Pound Filologia Românica, enquanto Fleaney escolheu os Estudos Ingleses (embora, como já foi notado, se movimente bem numa enorme variedade de línguas) e como tal pode ser considerado como o primeiro poeta de renome que fez a sua formação no que poderíamos designar como a área das Línguas e Literaturas Modernas. E, longe de desprezar o sistema e as instituições que o acolheram, primeiro como aluno e depois como docente, é seu incansável defensor, reconhecendo a dívida que para com eles tem. Nenhum poeta, tanto quanto nos é dado saber (e falamos aqui como alguém que trabalha no mesmo campo), escreveu de forma mais estimulante e inspiradora sobre o 'céu da educação'.

646 Talvez por isso mesmo a sua actividade se tenha desenvolvido não só como poeta mas também como professor de poesia, sobretudo em instituições universitárias, onde tem exercido ambas as funções por longos períodos de tempo, nalguns casos como 'writer in residence' ou escritor convidado, mas prioritariamente ensinando poesia nas salas de aula. O mérito de Seamus Heaney como professor de poesia não tem sido reconhecido e assinalado como merece, mas é da mais especial relevância para a ocasião presente e parte integrante da celebração que nos traz hoje aqui. A influência que exerceu, sempre benéfica, sobre uma geração mais nova de escritores, a generosidade com que os acolhe e os encoraja são bem conhecidas, mas o modo como tem vindo a educar e a estimular toda uma geração de leitores é algo que injustamente não tem sido devidamente valorizado - e nesta medida o lembramos com particular ênfase neste momento.

O trabalho que Seamus Heaney tem desenvolvido na edição de textos e na compilação de antologias, no espírito que invariavelmente o assiste de divulgação da poesia a um público tão vasto quanto possível, não pode também ser esquecido. A bem conhecida e muito lida antologia que organizou, em colaboração com Ted Hughes, *The Rattlehag* (1982), tem sido inestimável como meio de promover o interesse pela criação poética e de fomentar o gosto de um público cada vez maior pela poesia.

Iniciámos este discurso mencionando que, quer a cerimónia que hoje nos congrega, quer o local em que decorre são eminentemente

Crónica

apropriados à celebração de uma figura como Seamus Heaney - um Seamus Heaney que consagramos não só como poeta mas como poeta universitário e professor de poesia. Fazendo-o, estamos também a honrar-nos a nós mesmos, não por aquilo que somos, mas pelo que poderíamos e deveríamos ser. Que a ocasião nos faça reflectir, sem auto-elogios ou auto-complacências, mas sempre com o difícil e incómodo espírito de auto-crítica, sobre o que somos e o que fazemos.

Seamus Heaney acredita convicta e apaixonadamente no poder da poesia. No discurso que proferiu aquando da entrega do Prémio Nobel, intitulado 'Crediting Poetry', falou ele do "poder da poesia para realizar aquilo que mais crédito confere à própria poesia", ou seja,

"o poder de convencer a parte mais vulnerável da nossa consciência da sua bondade, apesar de tudo o que em redor demonstra a sua maldade, o poder de nos lembrar que somos caçadores e ceifeiros de valores, que as nossas próprias solidões e amarguras sempre nos conferem crédito, e sempre conferirão, já que também elas são o garante da nossa verdadeira natureza humana."

Permitimo-nos agradecer hoje a Seamus Heaney o ter-nos lembrado que somos, nós também, 'caçadores e ceifeiros de valores', tarefa particularmente urgente, esta, num tempo em que, na famosa distinção de um outro grande escritor irlandês, Oscar Wilde, o valor facilmente se confunde com o preço. E é por isso que ao honrarmos Seamus Heaney, de igual modo honramos o nosso próprio ser universitário - ou o ser a que aspiramos quando a rotina e a burocracia o permitem. Ao honrarmos Seamus Heaney, honramos também a nossa vocação, a qual 'sempre nos confere crédito, e sempre conferirá'.

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra:

Na sua eloquente e constante reafirmação do valor das Humanidades, da Literatura e da Poesia, o Doutorando defende melhor a sua causa do que nós seríamos capazes de fazer. Pedimos-vos, portanto, que o Doutorando seja acolhido na congregação dos Doutores da Universidade de Coimbra e que seja concedido a Seamus Justin Heaney, grande poeta irlandês, distinto professor e estimado colega, o grau de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra.

DISCURSO DA DOUTORA MARIA JOSÉ CANELO

Magnífico Reitor Cancelário

Ex.mo Senhor Embaixador da Irlanda

Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras

Excelentíssimas Autoridades

Senhores Doutores

Senhores Assistentes, Investigadores e Leitores

Senhores Estudantes

Senhores Funcionários

Senhoras e Senhores

648 Reunimo-nos hoje aqui para a cerimónia que propõe o acolhimento de Seamus Heaney como Doutor 'honoris causa' pela Universidade de Coimbra. Coube-me a mim a tarefa, perante a comunidade dos dignísimos presentes, de elogiar a Apresentante do Doutorando, Maria Irene Ramalho. Quis o Grupo de Estudos Anglo-Americanos (doravante referido como GEAA) valer-se desta ocasião para lhe manifestar todo o seu reconhecimento, admiração e apreço. Daí o 'nós' que usarei ao longo desta apresentação, que não é 'majestático', mas representa sim um conjunto de vozes no GEAA que se quiseram associar a esta homenagem.

Pois não me coube de facto tecer um discurso - mas somente entretecê-lo e os vários fios de que ele se faz formam, em certa medida, um discurso 'interrompido' - se a Maria Irene Ramalho nos permite o uso assim livre de um conceito que lhe é querido; mas interrompido porque é a memória, fragmentária-mas-conjunta, do empenho pessoal e do trabalho dedicado que Maria Irene Ramalho nunca deixou de consagrar ao GEAA - desde que o criou. Na sua forma entretecida, os fios do discurso da memória são também uma homenagem à cultura de diálogo que é uma das referências da atitude e da postura de Maria Irene Ramalho: na sua docência e orientação, o diálogo que se abre às perspectivas dos outros; nas suas publicações, o diálogo com variados interlocutores, escritores ou críticos; noutro plano, não de somenos importância, o diálogo que tem continuamente assinalado entre os saberes e os poderes.

Estas vozes reúnem-se também na convicção de que, aqui, na sala grande dos actos, se celebram simultaneamente as mulheres e os homens autores dos grandes actos, para além dos percursos académicos, dos graus, dos cargos e do volume da escrita. Desejaríamos assim fazer

Crónica

um elogio humano da *mulher* a par do da professora, da investigadora e da pedagoga. Mas, com a margem de erro que a intraduzibilidade do discurso da memória impõe, só podemos aspirar a chegar lá perto.

Após regressar dos Estados Unidos da América munida de um doutoramento em Estudos Americanos, e passado o vendaval político e institucional em que se viu envolvida na viragem de Abril, Maria Irene Ramalho soube construir alicerces sólidos de onde continuou a colher o que na nossa academia eram ventos de mudança. Foi com efeito um feliz acaso que o seu regresso dos Estados Unidos, de onde trouxe modelos de vivência académica baseados na partilha despreconceituosa do saber e na valorização do contributo original e autónomo do estudioso - fosse ele discente ou docente -, tenha coincidido no tempo com o agitado final da primeira metade da década de setenta, período de inquietação dos espíritos e de grandes desafios e interrogações dentro e fora da instituição. Um dos testemunhos de alunos seus na época, lembra que a sua prática lectiva parecia talhada para esses tempos conturbados mas apaixonantes. Seduzia e desconcertava alunos e alunas, porque lhes queria saber as opiniões; escutava-as com respeito; incorporava-as na aula. Os seus seminários de Literatura Americana nos dois últimos anos curriculares eram espaços de uma dinâmica de aprendizagem inovadora onde os jovens enriqueciam a sua formação científica, mas, sobretudo, faziam aprendizagens múltiplas como cidadãos e como seres humanos críticos e questionadores. Quanto à aula, nem com o sumário ficava verdadeiramente encerrada, porque a discussão e o convite à dissenção permaneciam em aberto. Não menos singular, contudo - e particularmente espantoso para a época - era a circunstância de, a par dos "clássicos" e da produção teórica pertinente, dominar a literatura primária mais recente, e, mais do que isso, trazer para os programas de licenciatura obras de autores não só *vivos* como contro-versos. "O romance negro americano", que leccionou em 1974-75, ou a introdução de perspectivas feministas ainda nos anos 70, foram cursos absolutamente pioneiros em Portugal ou mesmo a nível internacional, facto que aqui merece justo realce.

A sua generosidade levou-a, nas décadas de 70 e 80, a dedicar-se menos à sua própria carreira académica e mais à criação e consolidação de um Grupo de Estudos Anglo-Americanos iniciante e jovem, procurando criar enquadramentos estruturantes para a docência e a investigação. O seu espírito dialogante, a abertura intelectual, a visão de futuro e um profundo sentido democrático são reconhecidos também na forma como geriu as suas novas responsabilidades de gestão que tanto lhe exigiram, ora como membro do Conselho Científico ou Directivo, como

Directora do Instituto de Estudos Norte-Americanos e no seu longo mandato na Presidência da Comissão Científica do GEAA, entre 1982 e 1995. Foram tempos emocionantes e desafiadores, mas também difíceis e exigentes. Para entendermos na totalidade os feitos de Maria Irene Ramalho nesta área é necessário recordar duas coisas. A primeira, o facto de, quando tomou a Presidência da Comissão Científica do GEAA, ser a única doutorada no Departamento, a que se juntou, durante um longo período, apenas mais um outro Doutor. O trabalho que, em finais dos anos 70 e 80, era feito por duas pessoas, é hoje em dia partilhado por doze - e todas elas se consideram sobrecarregadas! Olhando para trás, parece quase milagroso que tanto tenha sido realizado.

Em segundo lugar, poder-se-ia pensar que a Presidência do GEAA é sobretudo uma função administrativa e burocrática; mas, se pensarmos desse modo, nunca compreenderemos o que Maria Irene Ramalho conseguiu; ela também foi, no melhor e mais amplo dos sentidos, uma líder, uma autêntica 'cabeça' do Departamento, que trouxe visão e sabedoria ao cargo. Maria Irene Ramalho foi, desde o início, confrontada com a tarefa de recriar efectivamente o Departamento para uma nova era. Criaram-se novas licenciaturas e o conteúdo dos programas existentes foi revisto; desenvolveram-se novas áreas de estudo. Tudo isto foi conseguido com destreza, diplomacia e firmeza, e tudo o que fez foi informado por uma visão do que o Departamento, a Faculdade e a Universidade podem e devem ser. Não há talvez um tributo mais justo às suas realizações como Presidente da Comissão Científica do que dizer que nós simplesmente não conseguiríamos imaginar o GEAA sem a Maria Irene; e, se pudéssemos, ele seria irreconhecível. Finalmente, o valor e mérito de tudo o que Maria Irene Ramalho tem feito é notavelmente realçado pelo facto de ter sempre lutado contra a corrente do poder, contra todos os que são indiferentes aos valores que ela tão admiravelmente representa e tão sabiamente pôs em prática no nosso Departamento.

E não é só o GEAA que a reconhece como sua mentora. A Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, criada em 1980, de que é sócia fundadora e de que veio, posteriormente, a ser Presidente, muito deve ao seu conhecimento do meio académico português e ao seu esforço por obter para ele o reconhecimento internacional que lhe é devido.

Com efeito, o elevado perfil intelectual de Maria Irene Ramalho, o rigor, a seriedade e o profissionalismo com que desempenha as funções que lhe são cometidas, bem como o seu profundo conhecimento da realidade cultural do país, têm sido amplamente reconhecidos entre

Crónica

nós. Assim o demonstram os inúmeros cargos de prestígio que tem sido chamada a exercer, ora como membro da Junta de Directores da Comissão Cultural Luso-Americana, dos júris do Prémio Camões e de Avaliação de Projectos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; ou ainda como membro do Conselho Científico da mesma Fundação e do Painel Internacional de Avaliadores dos Centros de Investigação.

Ao desempenho destes cargos trouxe sempre uma invulgar capacidade de visão estratégica, uma profunda reflexão sobre os fenómenos culturais e a continuada preocupação com o desenvolvimento das instituições no contexto nacional e internacional em que estas se situam, demonstrado, ainda muito recentemente, na forma como tem questionado as políticas em vigor para o ensino superior. Não só nos debates à porta fechada de Comissões e Comitês - mas na praça pública - Maria Irene Ramalho tem denunciado a institucionalização da chamada cultura científica e tecnológica que atropela, cada vez mais desabridamente, as Humanidades e todos os saberes que não obedecem à lógica dos números.

O seu valor científico é também - e com toda a justiça - reconhecido além-fronteiras, e muitas as solicitações a que tem respondido, com a total disponibilidade intelectual e a generosidade pessoal que lhe são próprias. Maria Irene Ramalho tem colaborado com organizações estrangeiras e a elas emprestado a sua vasta experiência não só como investigadora e pedagoga, mas também como mediadora de relações transculturais.

Seja como Professora Visitante na Universidade de Wisconsin-Madison e no King's College de Londres, como vice-presidente da European Association of American Studies, seja como membro dos Conselhos Editoriais de revistas internacionais como a *Sources* e a *Journal of American History*, até à sua colaboração na nova edição da *Cambridge History of American Literature* - na qual se note que é a única colaboradora não oriunda do mundo anglófono -, Maria Irene Ramalho tem de facto sido a voz da chamada - e tão frequentemente esquecida - semiperiferia nos centros do poder político, académico e cultural, dignificando a Universidade de Coimbra e o país em todos os foros internacionais em que participou. Ao mesmo tempo, tem trazido para a nossa Universidade um saber e uma experiência outros, dos quais alunos e orientandos, colegas de Grupo e membros dos Órgãos que tem integrado tiveram o privilégio de assim disfrutar também.

Não deixando de levar em conta que, como ela própria afirmou, os Estudos Americanos são uma "cultura-de-viagem-enraizada-

num-país-hegemónico”, Maria Irene Ramalho deixou que os Estudos Americanos fizessem dela, como ela própria também diz, “a self-fashioning wanderer” - uma viandante, mas uma viandante que se auto-recria nas andanças. Através da cultura americana, percorreu “passagens” e “intervalos”, como tão bem o disseram dois dos seus poetas de eleição, Robert Duncan e Fernando Pessoa, num movimento que, como essa cultura lhe ensina, é sempre relação, questionação e busca incessante.

Dessas jornadas pela cultura americana, Maria Irene Ramalho trouxe na bagagem desde a teoria crítica aos estudos feministas, dos estudos de raça à cultura de massas, à ficção científica e aos estudos culturais, para distinguir apenas algumas das áreas que soube manter vivas e desenvoltas, não apenas através da sua pesquisa, mas das muitas orientações com as quais foi criando uma geração inteira de americanistas - e a sua acção não se circunscreveu apenas à Universidade de Coimbra, pois colaborou na docência e na orientação com outras universidades portuguesas (da Universidade da Madeira à Universidade do Porto; da Universidade de Lisboa à Universidade Nova de Lisboa; à Universidade do Minho e à Universidade Católica de Viseu). A sua divulgação da Americanística não se confina porém ao passado; as pós-graduações que tem criado no GEAA são prova da sua dinâmica e renovação permanentes: no ano de 1982-83, é pela sua mão que surge Iº Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, a especialização possível e, finalmente em 1999, cria Curso de Mestrado em Estudos Americanos, a especialização desejada.

Quem a observa de fora, dessa cultura americana que tem sido o alvo e também o meio do seu estudo, faz sobressair que Maria Irene Ramalho também é a responsável por revelar o 'segredo' da cultura portuguesa aos americanos, matéria geralmente reservada a *connoisseurs*, e realça os seus esforços na aproximação das duas culturas. Pois a língua e a literatura vão directas ao coração de uma cultura e podem revelar por vezes mais do que é confortável saber - Maria Irene Ramalho, no entanto, sempre soube estabelecer o diálogo com “sabedoria e graciosidade”. Não é de estranhar, já que Maria Irene sempre defendeu que “quanto mais os diferentes povos souberem, e *quiserem saber*, acerca de outras sociedades e de outras culturas, tanto mais bem preparados estarão eles para entender a sua própria cultura”.

Numa época em que a internacionalização se impõe como objectivo prioritário, Maria Irene Ramalho constitui um caso exemplar de uma docente que há muito vem pondo em prática os valores das relações

interculturais, no que isto significa de abertura ao novo, de respeito pela diferença e de permanente questionação sobre as fronteiras e os territórios da identidade enquanto processo de construção cultural.

Citando de um texto que escreveu, de autoria com António Sousa Ribeiro, o Prefácio do volume *Entre Ser e Estar*, dela se poderia dizer que demonstra bem que “aquilo que designamos por identidade (ou seja, a afirmação do mesmo) não pode senão ser interidentidade (ou seja, a *pergunta* pelo mesmo)”, de tal modo se fundem a sua investigação académica e a sua prática de intervenção no espaço *entre* culturas, que perpetuamente interroga, reescreve e reinventa.

A sua visão da importância da criação de redes de docentes e investigadores que ultrapassasse as fronteiras nacionais, hoje em dia tão difundida e mesmo exigida para a medição de índices de produtividade, é, no seu caso, uma intuição antiga, pois o seu papel à frente do GEAA se pautou pela criação e dinamização de uma rede de contactos internacionais que ainda hoje beneficiam o Grupo com uma colaboração diversa. A mesma percepção se aplicou aos intercâmbios de estudantes, onde se destacam o seu planeamento de um Programa entre as Universidades de Coimbra e Wisconsin-Madison e a sua coordenação do Programa Erasmus entre 1990 e 1994. Outro veículo de relevo foi o intercâmbio Fulbright, que Maria Irene Ramalho soube fomentar e aproveitar de forma inteligente, pois nunca abdicou de uma prerrogativa fundamental - a de serem os interesses do GEAA, o seu critério de exigência e a própria competência e excelência intelectual dos visados a ditar a escolha criteriosa dos professores e investigadores visitantes. O facto de se recusar a ceder a imposições de outro cariz, político ou diplomático, atestam o seu perfil científico e a sua independência da “ordem dos poderes e dependências” que nos regem os destinos.

O mesmo se pode dizer da sua perspectiva no campo disciplinar. Ou interdisciplinar. Maria Irene Ramalho salienta como “Quanto mais estreita, mais fácil de controlar é a área de saber, mas ainda que as leis, ou os cânones, sejam necessidades, tanto da investigação científica como da própria vida, a sua própria definição enquanto tal exige inúmeras formas de interrogação e transgressão.” Por isso a temos como uma das vozes mais audíveis na discussão de novos paradigmas do saber, que tantas vezes se estabelecem com displicência geral, na academia; é o caso dos Estudos Culturais. Para além de indagar as motivações e as implicações das novas propostas críticas, Maria Irene Ramalho tem vindo a considerar como podem os Estudos Culturais fornecer uma metodologia trans- e interdisciplinar que ajude a criar nos Estudos Literários um multi-

653

perspectivismo capaz de *interpelar*, muito mais que interpretar, o próprio conceito do literário.

Esta revisão da literatura e da cultura, a par do seu interesse pela poesia na sua relação com a comunidade está bem patente no trabalho que vem produzindo no Núcleo de Estudos Culturais Comparados, de que passou a ser uma das directoras desde a sua criação, em 1992, no seio do Centro de Estudos Sociais desta Universidade, de que aliás também foi co-fundadora, e a cujo elenco de investigadores foi agregando vários elementos do GEAA. A inovação do seu trabalho problematizador da relação entre a poesia e a sociedade, ou a poesia e a política, tem sido amplamente reconhecida também nesta instituição de saber transdisciplinar por excelência, na qual conseguiu instituir parcerias absolutamente invulgares entre os estudos de Literatura e Cultura e áreas como o Direito, a Economia ou a Sociologia. Durante décadas, também fez parte do Conselho Editorial da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, publicação em que participa com regularidade, tendo sem dúvida contribuído para o reconhecimento dos Estudos Culturais e dos Estudos Literários como áreas interventivas e dialogantes.

Da sua noção perfeita de que o saber se constitui da articulação de muitos saberes, nasceu também o Núcleo de Estudos Feministas, no mesmo Centro de Estudos Sociais, ao mesmo tempo que dava o seu apoio incondicional à criação da primeira cadeira em Estudos Feministas leccionada na Universidade de Coimbra e um dos cursos livres de maior adesão, na Faculdade de Letras: a “Introdução aos Estudos Feministas”.

O trabalho desenvolvido por Maria Irene Ramalho nesta área, que se caracteriza pela questionação das tradições, das estruturas e do saber estabelecido, pode ser visto em certa medida como inevitável, tendo em conta a sua tendência para interrogar o adquirido e o estabelecido. Não é de estranhar, portanto, que logo a partir da Revolução de Abril, pela sua mão e de professoras convidadas como Angela Gilliam e Nancy Armstrong, as perspectivas feministas tenham entrado nos cursos de literatura e cultura leccionados no GEAA e que se tenham feito sentir em várias das teses de doutoramento e mestrado que ao longo destes anos orientou.

O impulso que procurou dar à implantação dos Estudos Feministas na Universidade de Coimbra levou-a a envolver-se no Projecto Sigma, da Comissão Europeia, na década de 90, tendo sido membro do Conselho Científico para a área de Estudos sobre as Mulheres e produzido um relatório sobre o estado da disciplina em Portugal, bem como organizado o congresso “Women’s Studies in Europe: Evaluation, Cooperation

and New Perspectives,” que teve lugar em Coimbra. Foi ainda Presidente da Comissão de Programa do 3º Congresso Europeu de Pesquisa Feminista, que juntou em Coimbra investigadoras/es e activistas de todo o mundo, dando visibilidade a uma área ainda vista como “menor” no nosso contexto académico.

A par dos seus esforços institucionais para legitimar e consolidar esta área, Maria Irene Ramalho tem publicado vários trabalhos relevantes, sendo de salientar a sua interrogação da tradição poética (masculina) em artigos sobre Emily Dickinson, H.D., Marianne Moore, Gertrude Stein, Adrienne Rich e muitos outros autores e autoras portuguesas e estrangeiros. Por isso, parte da indagação teórica de Maria Irene Ramalho tem focado as noções de inspiração e, naturalmente, da musa - essa figura-feita ‘já sempre’, que roubava à mulher poeta a possibilidade de registar a sua autoria no poema, a sua voz na escrita, o seu lugar na tradição lírica, enfim. Como pode pois a mulher sobrepor-se à musa e reclamar o acesso directo ao poético? Através do corpo, sugere, e da memória. Mas, e se os poetas modernos, os poetas homens, descobrirem a musa no seu próprio corpo? Estas são algumas das perguntas mais recentes e dos caminhos que Maria Irene Ramalho vem explorando, na sua viagem participada pela lírica moderna.

A área de eleição por excelência de Maria Irene Ramalho é, de facto, o território do poético. A sua investigação começa pelos alicerces - o que é a poesia?, pergunta. O que é o poético? Qual é a essência da lírica moderna? E qual é a relação da poesia com a comunidade? Não é com certeza por acaso que estamos hoje aqui por causa de um Encontro de Poetas, no fundo, uma grande ‘actividade de extensão’, digamos assim, na sua divulgação do fenómeno poético. Com efeito, no campo da poesia, os Encontros Internacionais de Poetas, promovidos pelo Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras, sob o entusiasmo persistente de Maria Irene Ramalho merecem especial destaque. A ideia foi ‘cozinhada’ num almoço: “E que tal fazermos uma celebração da poesia, na celebração do centenário de Walt Whitman?” e entusiasmou-se! “E que tal alargarmos as leituras à cidade?”, continuava, “Cumprir o verdadeiro sentido da Univer-*cidade!* Colocá-la em comunidade, tal como a poesia o deve fazer?” Contra o espanto e a falta de fé de muitos, reuniu - entre os ‘loucos’ e os ‘teimosos’ - um pequeno grupo e deu por iniciada a saga: já lá vão pois cinco Encontros de Poetas (desde 1992 até ao presente). Mais de duzentos poetas de muitas e diversificadas línguas e culturas vieram entretanto a Coimbra e hoje, no panorama da poesia mundial, os Encontros de Coimbra têm uma excelente reputação e uma procura considerável.

É sobretudo a divulgação do que é a diversidade dos panoramas da poesia contemporânea mundial que preocupa também Maria Irene Ramalho - algo que, infelizmente, em Portugal, se fica quase sempre pelo centro-local lisboeta e pelo interesse por línguas e culturas, ditas, centrais. São sobretudo a democratização do cânone e a inclusão de todas as margens diluídas no centro que a poesia faz que pautam a política destes Encontros de Poetas de Coimbra - algo que se encontra bem visível nas já quatro antologias bilingues deles resultantes, organizadas por Maria Irene Ramalho.

Aquilo que uma colega nossa, no GEAA, diz ser a sua enorme força *poiética*: essa sua enorme capacidade para “fazer” só é contrariada por burocracias ou esquecimentos institucionais. Assim sucedeu com o seu projecto da Casa do Poeta, que concebia como um lugar que pudesse acolher um poeta em Coimbra, o seu trabalho e a partilha desse trabalho com a comunidade local, durante um pequeno período. Aprovada na altura pelo então Reitor, a Casa do Poeta acabou por se diluir, ao que parece, no projecto actual da Casa da Escrita, sem nunca dar a Maria Irene Ramalho o crédito devido. Mas, pelo menos o GEAA não esquece a sua origem.

656

As suas andanças pela lírica moderna e a indagação com que sempre a aborda desembocaram recentemente num cais, o estudo *Atlantic Poets. Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*, que certamente se constituirá como uma referência incontornável na área da Comparatística e do Modernismo. Embora Maria Irene Ramalho se retire modestamente a esta sua grande empresa como o ponto de vista de “urna Americanista que pensa que tem algum conhecimento importante sobre Pessoa”, *Atlantic Poets. Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*, publicado recentemente pela University Press of New England, é uma esperada coroa de glória num périplo iniciado há muitas décadas: levar Fernando Pessoa, e esse magnífico processo de ser outro, a um público mais vasto do que aquele a que a cultura portuguesa normalmente pode almejar. É também uma dívida de vulto que os Estudos Pessoaanos passam a ter para com Maria Irene Ramalho, e não só por este livro, mas por todas as conferências que por esse mundo fora tem realizado sobre o assunto, os artigos de referência, e a apresentação da obra de Pessoa a Harold Bloom, que tão confortavelmente o instalou no seu cânone ocidental.

Defendendo a inserção de Fernando Pessoa no cânone modernista anglo-saxónico, Maria Irene Ramalho faz uma defesa estimulante da releitura desse campo que o reconfigura como espaço não uno, mas

estrangeiro. Retomando pois o conceito romântico de identificação da poesia - enquanto “pura criatividade e valor-absoluto-em-si” - com o império, Maria Irene Ramalho tem discutido a relação cúmplice entre a literatura e o império, ao acompanhar criticamente o olhar imperial inglês de Pessoa, no seu cruzamento com o olhar imperial-a-ser de Walt Whitman e de cujo encontro emerge um conceito que Maria Irene Ramalho re-situa no plano literário, o atlantismo - a reinvenção do Ocidente como centro do mundo numa comunidade do Atlântico.

Mas trata-se de muito mais que arranjar um lugar para Fernando Pessoa na galeria dos modernistas anglo-saxónicos. A entrada de Pessoa desarruma todo o campo; porque exige que a própria ‘tradição’ anglo-saxónica seja revista a partir de conceitos por ele próprio propostos: na erudição crítica que caracteriza o seu trabalho, Maria Irene Ramalho relê a poesia de Walt Whitman, Hart Crane ou Wallace Stevens através das lentes pessoanas do atlantismo, do intervalo, do desassossego, da interrupção. De tal modo que a poética de impessoalidade e objectividade de Eliot e Pound poderão bem ter de ser reavaliadas como *pessoanas*.

Atlantic Poets não faz todavia jus à dimensão da sua obra ensaística, dispersa por inúmeros artigos, em publicações, nacionais e estrangeiras - da *Colóquio/Letras* à *Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*; de *Prospects: An Annual of American Cultural Studies* à *Luso-Brazilian Review* e à *Portuguese Studies*. Também o contributo em volumes colectivos é avultado, e destaco apenas *The Life after the Life: The Continuing Presence of Walt Whitman*; *Portugal: um retrato singular*; *The American Columbiad: Discovering America, Inventing the United States*; *Predecessors: Intellectual Lineages in American Studies*; *Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture*.

Reconduzir assim Fernando Pessoa neste percurso é criar um laço certamente duradouro e fértil entre os Estudos Pessoaanos e outro dos interesses de Maria Irene Ramalho, a Comparatística. Nem poderia ser de outra forma para quem parte do princípio de que toda a literatura é *inter-literatura*. As literaturas e as culturas nacionais, defende, são *heteroreferenciais* e devem ser abordadas nessa sua diversidade e reciprocidade de influências. Compreender desta forma o fenómeno literário não deixa de ser um grande desafio, até porque, como adianta noutro lugar, as trocas, influências e relações entre autores, obras e escolas tendem a ser muito pouco transparentes; são até, por vezes, incompreensíveis. Na verdade, e como dizia antes, tudo é estranho; tudo é necessariamente estrangeiro - essa é a condição imposta pela própria língua, como Maria Irene Ramalho

aprendeu com os ‘seus’ poetas - sobretudo o desassossegado, e desassossegador, Bernardo Soares. A tradução é um modo de vida. Por isso, a relação com a língua é de constante descoberta, ou será da promessa, apenas, dessa descoberta, sempre realizada e ao mesmo tempo sempre adiada? Com certeza, sempre no limite que é a tentação maior da conquista da língua - a imposição do significado.

E, para terminar voltando ao princípio: gostaríamos de louvar aqui o mérito pedagógico de Maria Irene Ramalho - não tanto, sequer, o muito que tem ensinado, mas *como* tem ensinado. É interminável e até entediante a lista de nomes que lhe ‘passaram pelas mãos’ - ou pelas ideias? - e que recordam a sua arte generosa de ensinar; esse seu raro talento que a leva a incentivar sem dirigir; a seduzir sem conquistar - ou, na citação stevensoniana que lhe sabemos cara, a “descobrir sem impor”.

E é ao testemunho de uma orientanda que passo agora:

Pois no caso de Maria Irene Ramalho, a designação da sua função de mestre requer definição. Porque, como mestre, não fez discípulos, no sentido de criar criaturas suas, que lhe seguem as pisadas, reproduzindo o que aprenderam em imitações menores, cada vez mais pálidas. Não fez escola, no sentido tradicional, tantas vezes equivalente à imposição de um “pensamento único”, a “boa nova” que tem o seu tempo mas rapidamente se faz velha. Maria Irene Ramalho tem sido outro tipo de mestra: a que estimula o discípulo a encontrar a sua própria voz, autónoma. Como ela tantas vezes diz, “eu não oriento; eu só desoriento”. Quando se define como “wandering scholar”, coloca-nos mais uma vez perante a dificuldade da língua... O académico errante? O estudioso errante? O aprendiz errante? Ou será *a mestra* errante? Como ela própria revela, “as a teacher and mentor, I have always conceived of myself as a travel agent, not so much telling students what they should or should not study but teaching them as much as possible about the variety of the field, helping them to get to where they think they want to go themselves”. “Agente de viagens” não é uma metáfora adequada, neste momento. Mas terá de servir - ou “it will suffice”, como diria Wallace Stevens, de cuja poesia se aprende a gostar com a Maria Irene.

Ela é a que abre a geografia; não cria territórios, nem quintas, não ergue cercas, mas fala dos trilhos por abrir. Percursos - um percurso individual, para cada urna de nós. Ela é a que funciona como ponto de partida, não de chegada. Não cria relações feudais de vassalagem; cria redes. Redes de conhecimento e saber, redes de descobertas partilhadas,

Crónica

redes de muitas alegrias. E redes de afectos. A noutras histórias dita discípula, nesta história afasta-se, segue o seu caminho; mas mantém intacto o fio invisível, que a liga à Maria Irene. E os fios não são cabelos, como disse um jovem poeta.

Isto dito, dir-se-ia que quem não foi orientando da Maria Irene Ramalho, sentiria uma espécie de orfandade. Mas, no GEAA, quem saiu para fazer doutoramentos noutros lugares, ou regressou com eles debaixo do braço (salvo seja) não dispensou, antes de partir, o seu entusiasmo e a sua ajuda solícita nas candidaturas a financiamentos dentro e fora do país; no regresso, encontrou a mesma hospitalidade e o apoio certo e seguro da Maria Irene. Por seu lado, quem ingressou no GEAA com uma carreira já sólida, também não deixou de apreciar o seu abraço institucional caloroso e a sua recepção amiga.

Diz alguém no GEAA que a Maria Irene Ramalho é “um peixe de águas fundas” e que chegar até ela requer um mergulho que por vezes nem todos estão na disposição de arriscar. Calculo no entanto que se refira a profundezas de ordem intelectual, pois, fora isso, todos sabemos que a observadora atenta que nela reconhecemos anda sempre à tona da água. E permitam que nos apropriemos aqui das palavras da própria, para encerrar este discurso, já que sugerem bem o cunho interrogativo, crítico, questionador e dialogante que Maria Irene Ramalho tem sabido imprimir à sua actividade como representante das Humanidades. Afirma ela, pois, que é preciso “suscitar o debate ... para a redefinição e reavaliação das humanidades enquanto a faculdade por excelência de formular perguntas ... perguntas que terão necessariamente de ser sempre acerca das estruturas sociais, económicas e políticas que regem também as nossas vidas intelectuais. Perguntas, pois, não só acerca das realizações científicas dos estudos humanísticos, mas também acerca da sua responsabilidade educativa e do seu empenhamento social.”

Magnífico Reitor Cancelário

Depois de tentar desta forma, com a justiça e a justeza que as palavras permitem, defender os méritos e o valor científico e pedagógico da Apresentante do candidato, pedimo-vos, Magnífico Reitor, que seja concedido a Seamus Heaney o título Doutoral pela Universidade de Coimbra, e em tão boa companhia ficará, tal como nós.